



Educação Integral e
Esporte Educacional

Educação Integral e

Esporte Educacional

Iniciativa:



Parceiros:



Ficha técnica

FUNDAÇÃO VALE

**Diretor-executivo de Relações
Institucionais, Sustentabilidade e
Comunicação**

Luiz Eduardo Osorio

Presidência

Hugo Barreto

Gerência

Pâmella De-Cnop

Equipe

Ana Paula Coelho Hack

Andreia Prestes

Fernanda Fingerl

Livia Zandonadi

Maria Alice Santos

VALE

**Diretoria Executiva Sustentabilidade,
Comunicação e Relações Institucionais**

Luiz Eduardo Osorio

**Diretoria de Sustentabilidade e
Investimento Social**

Hugo Barreto

**Gerência Executiva de Investimento Social,
Cultura e Inovação**

Flavia Constant

ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ

Direção Executiva

Natacha Costa

Coordenação de Programas

Raiana Ribeiro

Gestão de Projetos

Dayana Araujo

ESTAÇÃO CONHECIMENTO DE BRUMADINHO

Diretora-Presidente

Aurea Maria Costa da Silva

Coordenadora Executiva

Cristiane Vilela

Educadores

Alan Valter da Silva, Ana Caroline Lopes Porto, Andre Felipe Parreiras de Castro, Arthur Souza Parreiras, Claudia Ponciano Muniz, Cleuza Lucia de Moraes Lucio Silva, Debora Cristina Cardoso de Oliveira, Deivid Alexander Silva Moraes, Edelson Brito dos Santos, Ednilson da Silva Pinto, Elivania Alves Andrade Moura, Giselle Prado Campos Teixeira, Higor Gabriel Maia Duarte, Ivaneth de Fatima Amorim Lopes, Jean Carlos Pantoja Favacho, José Osvaldo de Souza, Katia Kelen de Oliveira, Lais Magna Rodrigues Dias, Leandro Henrique de Lima, Manuza Conceição Lara Falleti, Maria Conceição de Souza, Maria da Assunção Assis Santos, Maria do Rosario de Paula, Maria Madalena de Souza, Marlene Custodia de Aguiar, Michele Medeiros Faria, Mirian Cristina Teixeira de Jesus, Monize Lara Utsch Falleti, Nirlene Garlope Moura, Nubia Daria Ferreira Araújo, Paulo de Paula Sampaio, Pedro Henrique Borges Souza, Pedro Henrique Santana do Nascimento, Rosemary Rosario Cesario, Suellen Maciel Parreiras, Synthia Aparecida Silva, Tais Agda Rodrigues Dias, Thiago Philippe da Silva Simão, Vander Lucio de Aguiar, Wander do Prado Moura, Wemerson Aparecido Silva Pinheiro, Yago Silva Simão.

Agradecimento

Felipe Pítaro da Fundação Gol de Letra

PUBLICAÇÃO

Coordenação da Publicação

Raiana Ribeiro e Dayana Araujo

Redação

Julia Dietrich e Carolina Moraes

Projeto Gráfico

Gláucia Cavalcante

Diagramação

Willy Horizonte

Sumário

- 05** Educação Integral e Esporte Educacional
 - 17** Educador como Mediador do Esporte Educacional
 - 21** Radar de Experiências
 - 30** Referências Bibliográficas
- 



Educação Integral e

Esporte Educacional

Foram muitos os entendimentos sobre o esporte e o papel do esporte na vida das pessoas ao longo da história. Mas existe um documento basilar na formulação da ideia sobre o esporte que se defende hoje, na concepção contemporânea do termo: a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas (Unesco), publicada em 1978. Dois anos antes, em 1976, na I Reunião de Ministros dos Esportes, foi decidido que até o final dos anos 70 a Unesco deveria publicar e divulgar diretrizes para referenciar governos e populações em relação ao esporte. Rompendo com a perspectiva anterior – do Esporte Moderno – de que a prática esportiva era apenas para os talentosos, e na qual o rendimento máximo seria a principal finalidade, a Carta afirma, logo no primeiro artigo, o acesso à educação física, à atividade física e ao esporte, são reconhecidas como direito fundamental de todas as pessoas (UNESCO, 1978). Ela estabelece que qualquer pessoa não apenas pode, mas tem o direito de praticar esporte.

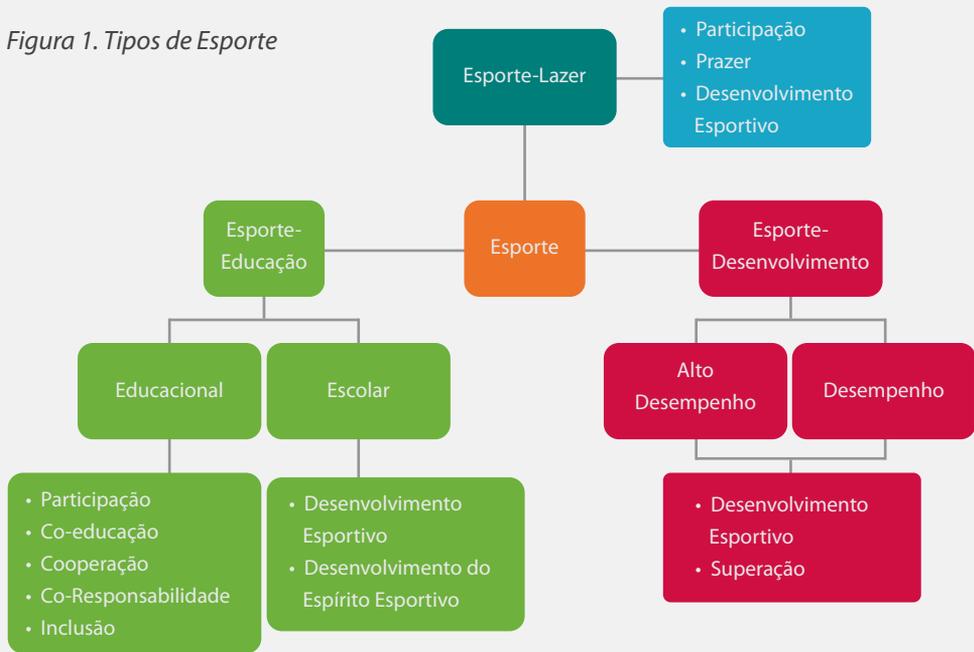
Com a publicação do documento, o esporte como mecanismo de promoção social - que deveria ser acessado por todas as pessoas -, ganhou projeção entre a gestão pública e organizações sociais de todo o globo.

No Brasil, essa perspectiva se fortaleceu com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que estabelece, no seu

artigo 217 o direito a práticas desportivas e o dever do Estado em promovê-las. Um antecedente importante para a inserção do Esporte na Constituição Cidadã foi o Relatório “Uma Nova Política para o Desporto Brasileiro – Esporte Brasileiro/ Uma questão de Estado”, elaborado pela Comissão de Esporte Brasileiro e referendada no Decreto n. 91.452 de 19 de julho de 1985, que recomendava a ampliação do conceito de esporte no Brasil, articulando-o também à participação e à educação. O documento segue como marco relevante na compreensão da ideia de Esporte Educacional.

Vasta como a história do esporte é também o campo de estudos sobre o Esporte Educacional. São muitas as correntes e caminhos de pensar o tema tanto na perspectiva da escola, quanto na compreensão do próprio universo desportivo. Nesse universo de compreensões diversas sobre o esporte, o Esporte Educacional aparece, no campo conceitual, a partir das definições de Manoel Tubino, um dos mais importantes autores sobre o tema e reconhecido articulador internacional do ativismo em prol do esporte como direito. Em sua Teoria do Direito às Atividades Físicas, o autor defende três formas de exercitar o direito ao Esporte: o Esporte-Educação, o Esporte-Lazer e o Esporte de Desempenho, cada qual com princípios próprios e singulares, como apresentado na Figura 1. O Esporte de Desempenho se divide em Rendimento e Alto Rendimento, e o Esporte-Educação se apresenta em duas manifestações: o Esporte Educacional e o Esporte Escolar.

Figura 1. Tipos de Esporte



Fonte: Adaptado de Tubino, 2010.

Segundo o autor, o Esporte Escolar é necessariamente praticado no ambiente escolar com o objetivo do desenvolvimento esportivo dos praticantes, sem perder de vista a formação cidadã, enquanto o Esporte Educacional compreende todas as atividades praticadas em contexto educativo (escolar e não escolar), com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo, a sua formação para a cidadania e a prática ativa de lazer, evitando qualquer forma de seleção ou hipercompetitividade entre os participantes.

Além de figurar como conceito, é possível ainda reconhecer o emprego do termo Esporte Educacional de duas outras formas: como denominação de

política pública e como um tipo de intervenção pedagógica.

No campo das políticas públicas do Brasil, encontramos as expressões esporte-participação, esporte-educação e esporte-performance, que são reflexos das diferentes disputas conceituais do setor, abarcando a interface entre esporte e educação, mesmo com fortes contradições. Estes conceitos permitiram, no início dos anos 2000 a organização do esporte em Secretarias específicas do Governo Federal, como a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, Secretaria Nacional de Esporte Educacional e a Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer – estas duas últimas, criadas em 2003, foram fundidas de 2011 a 2013 na Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social¹, fortalecendo a perspectiva do Esporte como direito de todos no País². Junto aos Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) e Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13), que também se inspiram neste legado, o Brasil apresenta bases sólidas para compreender o Esporte como direito integrado à vida das crianças, adolescentes e jovens no País.”³

Na perspectiva educacional, o esporte como prática pedagógica deve sempre atentar para os princípios socioeducativos da **Inclusão**; da **Participação**; da **Coeducação**; da **Cooperação**; e da **Corresponsabilidade**. Apresentados no Quadro 1, estes princípios - que estão diretamente conectados à perspectiva da Educação Integral -, devem compor toda a prática educativa, seja ela uma atividade pontual ou rotina de uma determinada disciplina, atividade ou oficina.

1. Para mais informações, ver GONZÁLEZ, et. al, 2014.

2. Atualmente toda atuação de esporte e lazer no Governo Federal faz parte do Ministério da Cidadania.

3. Expressão que dá título à obra “Levando os direitos a sério” de Ronald Dworkin (2007, p. 286): “Se não podemos exigir que o governo chegue a respostas corretas sobre os direitos de seus cidadãos, podemos ao menos exigir que o tente. Podemos exigir que leve os direitos a sério, que siga uma teoria coerente com a natureza desses direitos, e que aja de maneira consistente com suas próprias convicções”.

Quadro 1. Definições da prática educativa na perspectiva do Esporte Educacional

ESPORTE EDUCACIONAL	
Princípio Educativo	Intencionalidade e características da prática pedagógica.
Participação	Proporcionar práticas em que os sujeitos sejam encorajados a exercer a solidariedade, seja na prática da atividade física seja tornando-se parte de um coletivo como, por exemplo, uma torcida, garantindo que os educandos sejam protagonistas na organização e promoção das próprias atividades.
Inclusão	Incentivar a participação de pessoas com deficiência e de pessoas de culturas diversas em ambiente acolhedor à multiplicidade da experiência humana, explorando a diversidade como elemento central do processo educativo.
Coeducação	Observar que educandos e educadores possam compartilhar suas experiências de vida, motivações e expectativas, considerando a diversidade dos educandos, a ação pedagógica apoiada na ação-reflexão, e a responsabilidade permanente do educador pelo processo de aprendizagem.
Cooperação	Fomentar o espírito comunitário entre os educandos mediante práticas nas quais o coletivo se sobreponha ao individual, como atividades de trabalho em equipe, vivências cooperativas, ações conjuntas para alcançar um objetivo comum.
Corresponsabilidade	Estimular a autonomia e a responsabilidade dos educandos na tomada de decisão para a organização e adaptação de regras das práticas. Nesses processos os educandos têm a possibilidade de observar e conhecer seus próprios limites, reconhecer estruturas pré-concebidas ou impostas socialmente, oportunizando o autoconhecimento e o desenvolvimento da capacidade de discernir sobre situações sociais de forma crítica e se posicionar.

A Educação Integral compreende que todos os sujeitos devem se desenvolver em suas múltiplas dimensões - emocional, física, cultural, social e intelectual. Dimensões que são indissociáveis e interconectadas, e que podem e devem ser mobilizadas pelas práticas esportivas, desde que haja intencionalidade para este fazer. Isto é, o Esporte Educacional deve ser compreendido como uma estratégia de promoção do desenvolvimento integral dos sujeitos, focando em múltiplos aspectos como, entre muitos outros exemplos, a promoção da sociabilidade e fortalecimento dos laços comunitários; o desenvolvimento motor, da coordenação, da espacialidade; a ampliação de repertório sobre práticas culturais e esportivas ao redor do globo; a compreensão sobre regras e solidariedade.



“Os princípios dentro do Esporte Educacional estão alinhados à concepção da Educação Integral e se relacionam com a ideia de trabalhar junto, trabalhar respeitando as características de cada um, trabalhar para que haja reciprocidade entre educadores e educandos e entre as próprias crianças e jovens. Isso diz da valorização do Outro, tendo uma atitude mais ética com esse Outro, sem hipercompetitividade e criando alternativas para uma moralidade mais generosa e mais consciente do compromisso coletivo.”

Felipe Pitaro, Coordenador de Projetos da Fundação Gol de Letra



Aprender jogando

No Esporte Educacional o ensino-aprendizagem é um processo voltado à estimular os participantes a conviver, a atribuir importância à coletividade, à partilha de decisões, nas quais os sujeitos compreendam seu espaço, seu papel, seus deveres e seus direitos. Nele, a iniciação esportiva é plural, e se destaca o “aprender jogando”, o “jogar junto” o “jogar para aprender”. A ação do jogar

é exercitada em brincadeiras de rua, em jogos criados pelos participantes, em modalidades esportivas e adaptações das mesmas, de acordo com o contexto e intencionalidade pedagógica da prática - as pessoas, os recursos materiais, a forma de organização do espaço e/ou instituição, etc. Os aspectos formativos trabalhados a partir da maneira como a prática corporal é ensinada são, portanto, fundamentais para o Esporte Educacional. A centralidade na interação entre os educandos e no papel ativo destes como protagonistas do processo de aprendizagem é crucial. Partilha-se da compreensão de que as formas tradicionais de ensino tanto dificultam a aprendizagem dos participantes quanto os coloca no papel de reprodutores passivos, sem espaço para tomada de decisão ou para expressão de sua criatividade.

Por isso, preconiza-se que o educando possa não apenas aprender a seguir as regras, mas a compreendê-las, e entender como e por qual motivo elas foram estabelecidas. A depender da intencionalidade, o educador pode estimular que os próprios jogadores estabeleçam as regras da atividade, estimulando que os mesmos percebam a diversidade, potencialidades e limitações dentro do próprio grupo.

Uma vez que não há a pretensão de formar atletas de ponta, o jogo deve focar na ludicidade e no prazer compartilhado e na ampliação de repertório físico, cultural e social dos participantes. Isso significa, por exemplo, estimular que os educandos ampliem seus conhecimentos sobre o universo esportivo (funcionamento e experimentação de práticas, modalidades, brincadeiras) ao mesmo tempo em que definem caminhos para que todos possam participar juntos, estimulando a colaboração e cooperação e vivenciando no próprio corpo novos movimentos e novas ou melhores habilidades físicas.

O jogo como exercício físico

Ao mesmo tempo que o jogo é um estímulo tanto para a fruição, o divertimento e o lazer, é também uma forma concreta do desenvolvimento de habilidades físicas necessárias a todos os indivíduos - sejam eles futuros atletas ou não -, e da compreensão da importância de hábitos saudáveis para a vida.

É consenso em pesquisas e múltiplos estudos ao redor do globo que a prática esportiva é fundamental para o desenvolvimento da proficiência motora grossa e fina, da coordenação corpo-mente, da percepção visual e auditiva, que por sua vez, são necessárias à própria prática do esporte, formando um ciclo virtuoso entre desenvolvimento motor e atividade física.

O esporte propicia também que o educando compreenda os cuidados com o próprio corpo - da própria atividade física à higiene após o exercício e alimentação correta e balanceada antes e depois da prática. Estes aspectos, muitas vezes delegados às aulas de ciências na educação formal, tornam-se mais tangíveis e compreensíveis quando experimentados na prática.

Foco no jogo

Para além do desenvolvimento físico, pesquisas indicam que as práticas esportivas auxiliam e muito a concentração, a memória e o foco das crianças e jovens em várias atividades do cotidiano educativo, fortalecendo o trabalho pedagógico em outras áreas de conhecimento e desenvolvimento.

Aprender e compreender regras, a esperar sua vez, a pensar antes de agir, a coordenar adequadamente o corpo são todos conhecimentos que se desenvolvem na prática bem sucedida do Esporte Educacional e que muito contribuem para, entre outras situações, a postura na sala de aula, nas atividades de concentração e, posteriormente, no mundo do trabalho.

Paralelamente, o esporte também possibilita que se possa extravasar a tensão do corpo: correr, pular, gritar, agachar, levantar, rolar são todos movimentos que geram prazer na maior parte das pessoas, especialmente entre as crianças e jovens, que também têm grande necessidade emocional de contato físico com os outros. Estudos indicam que crianças e jovens que brincam e “gastam energia” com frequência aprendem melhor na escola, são mais calmos e mais abertos a experiências de sociabilidade dentro e fora de casa.

Jogar para ganhar junto

Outro aspecto que merece atenção nas práticas de Esporte Educacional é o reconhecimento por premiação, como a entrega de troféus, medalhas. É certo que as conquistas e o recebimento de prêmios podem ser vivências muito positivas na infância e juventude. Mas deve-se evitar a construção da figura do “campeão” e do “perdedor”, principalmente em situações repetidas. Por isso, nas práticas pedagógicas do Esporte Educacional se orienta que as premiações sejam aumentadas, abarcando maior número de participantes e, sempre que possível, atribuída de forma coletiva, fazendo com que o mérito seja compartilhado. É preciso observar para que dinâmicas que impliquem em competições não se transformem em seletividade, e que sejam sempre referenciadas nos princípios apresentados.

Da mesma forma, esse jogar para que todos, em alguma medida, sejam vitoriosos pode estimular a valorização da coletividade em detrimento à individualidade. Em uma sociedade que cada vez mais pressiona o sucesso e ganhos individuais, a prática da solidariedade e do olhar atento e acolhedor à diversidade sem dúvidas auxilia diretamente a formação cidadã, ética e responsável das crianças e jovens, em especial.

Reconhecer (e ultrapassar) limites do jogo

A prática esportiva ainda propicia a vivência prática e necessária da resiliência e do esforço permanente. Pelo esporte, nos jogos e brincadeiras, limites do corpo são testados: cansaço, preguiça e medo são comumente superados em nome da concretização de um objetivo.

Apoiar os educandos a reconhecer seus próprios limites e, quando possível, vencê-los apoia não apenas o desenvolvimento de uma determinada habilidade física, mas a compreensão dos próprios sobre suas potencialidades e capacidade de conquista. Quando a ação é coletiva, o educando pode aprender

a apoiar seus colegas para o alcance de um objetivo comum, compartilhado. A resiliência típica e notadamente reconhecida dos atletas no Esporte de Alto Rendimento, no Esporte Educacional ganha novos contornos - não apenas do corpo do indivíduo, mas do fazer compartilhado e colaborativo, dialogando diretamente com habilidades necessárias para a vida em sociedade.

Mas... tudo depende da intencionalidade!

Por fim, metodologias e princípios educativos nas práticas esportivas só ganham terreno quando há intencionalidade dos educadores. Ou seja, as intenções e ações dos agentes envolvidos, e não da prática social do esporte em si, são o fio condutor do Esporte Educacional. Daí a importância da formação e valorização dos educadores, e que esta seja fortemente alicerçada em políticas externas e internas à organização que apoiem e fortaleçam essas iniciativas.

Nesse contexto, é fundamental que a organização também se oriente pelos princípios do Esporte Educacional, oferecendo condições e apoiando o trabalho dos educadores, como, por exemplo, com a promoção de formações e estratégias colaborativas com outros membros da equipe, apoiando avaliações consonantes com as perspectivas enunciadas, bem como garantindo recursos para a elaboração de atividades pertinentes e adequadas à proposta.



“Há uma forma de educar dentro da perspectiva da Educação Integral, fazendo com que o sujeito experimente, participe, reflita e não simplesmente acumule conhecimentos. É preciso ter uma preocupação não apenas com a prática cotidiana, mas com a comunidade em si, pensando em estratégias de acolhimento e diálogo com o território. Onde a fundação Gol de Letra trabalha, por exemplo, as nossas sedes acabam sendo espaços fundamentais de acolhimento da comunidade: são espaços seguros, bem organizados, que permitem a prática do lazer e da atividade esportiva não sistemática possam acontecer, especialmente em territórios em que não há espaços do tipo ou onde existe violência, por exemplo.”

Felipe Pitaro, Coordenador de Projetos da Fundação Gol de Letra



Novamente alicerçado na compreensão da Educação Integral, é preciso pensar estratégias para acolher, envolver e mobilizar o território, pensando a promoção de “Territórios Educativos”, mais saudáveis e que valorizem o lazer e prática esportiva como direitos de todas as pessoas.

Especialmente onde há maior vulnerabilidade, equipamentos esportivos seguros representam uma alternativa viável e concreta para que os educandos possam não apenas praticar as atividades e brincar nos horários das oficinas, mas o fazerem regularmente, convidando a comunidade e estreitando laços com seu território.

Aprender com a comunidade permite ao educador recuperar tradições e valorizar repertórios locais: como as pessoas se exercitam, o que jogam, com o quê e como brincam são todos conhecimentos próprios e únicos de cada lugar. Permitir pontes, investigando esses vastos e diversos conhecimentos, apoia o educando a se reconhecer, a compreender sua própria história, e a memória e a cultura do local onde vive e das pessoas que dele fazem parte. Essa interação - tão fundamental na perspectiva da Educação Integral - , gera mudanças concretas no cotidiano de uma comunidade. Portas abertas das instituições e valorização da cultura local fortalecem a autoestima e pertencimento não apenas do educando, mas de toda a comunidade, incluindo os próprios educadores.

Nesse sentido, a Estação de Conhecimento de Brumadinho ao oferecer um ponto de apoio e acolhimento à população com uma proposta que visa a inclusão social por meio de diversas atividades conectando a educação, a cultura e o esporte, torna-se um ponto estratégico e privilegiado para a promoção da Educação Integral não apenas para os atendidos no espaço, mas para toda a comunidade e região.



Brasil
Ve
Ovo

Educador como mediador do **Esporte Educacional**

*“Ensinar exige compreender
que a educação é uma forma de
intervenção no mundo.”*

Paulo Freire, 1996.

Sem dúvidas, pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas do saber concordam que o papel do educador no processo de aprendizagem é fundamental: é ele que tem a capacidade e função de conectar os saberes dos educandos aos do território e aos conhecimentos necessários à sua prática ou área do conhecimento. Em espaços e atividades educativas, ampliam-se as possibilidades do fazer educativo, com outras práticas, espaços e tempos, que muitas vezes não cabem no escopo do universo escolar.

Justamente por haver uma distinção entre a escola - com seu cânone específico de conhecimentos -, e instituições educativas não escolares, há maior liberdade para o trabalho educativo em organizações sociais, mas este vem, sem dúvidas, com desafios próprios, que devem ser reconhecidos e compreendidos por todos os profissionais envolvidos.

A compreensão do educador enquanto mediador de processos educativos aparece de forma contundente na obra de um dos mais conhecidos educadores brasileiros: o pernambucano, *Paulo Freire (1921-1997)*, que fundamentou a ideia de que há uma troca permanente entre quem aprende e quem ensina, viabilizando a construção de redes interativas de conhecimento.

Estas redes, ou múltiplas relações permitem que o ambiente educativo seja um espaço seguro para que todos possam apresentar suas dúvidas, propor novas ideias, realizar combinados - enfim, uma série de estratégias pedagógicas que pressupõem a colaboração não apenas entre os educandos, mas entre os educandos o próprio educador. Nessa perspectiva, o educador é, como apresentou Paulo Freire, um “mediador do conhecimento, sensível e crítico, aprendiz permanente e organizador do trabalho na escola, um orientador, um cooperador, curioso e, sobretudo, um construtor de sentido”⁵.

O educador físico, na perspectiva da Educação Integral, que se relaciona diretamente com a teoria Freireana, é antes de tudo, um educador. Ou seja, independentemente de ter como ferramenta de trabalho o esporte, o educador deve ter um compromisso com a mediação de processos educativos que atentem para as necessidades, características e diversidade do seu grupo. Isso implica não apenas reconhecer os princípios do Esporte Educacional, mas desenvolver e customizar suas práticas a partir deles e das questões que emergem do grupo.

A Educação Integral convoca o educador físico a ir além do ensino de uma modalidade esportiva ou da elaboração de uma prática lúdica, como realizar determinado desafio, ou brincar coletivamente de algo. Diz da construção de um conhecimento relevante, a partir da **demonstração** de um saber ou habilidade, **engajamento** dos educandos a partir de seus conhecimentos e **investigação** coletiva e compartilhada daquele conhecimento na prática, como apresentado na *Figura 2*.

Para tanto, o educador físico deve articular suas práticas às potencialidades da instituição e do território, mobilizando outros agentes para fortalecer ou apoiar a construção da sua prática de acordo com a sua intencionalidade. Ações coletivas ganham força e, envolvendo diferentes saberes e conhecimentos, é possível responder às demandas apresentadas pelos educandos.

.....
“É preciso fortalecer um caminho comum entre a equipe multidisciplinar e o esporte, ou educadores esportivos. São duas estratégias que devem atuar em uma direção única, com sincronia. Atuar coletivamente dá continuidade às ações, abre espaço para novas experimentações e investigações, de forma segura com todos se apoiando.”

Felipe Pitaro, Coordenador de Projetos da Fundação Gol de Letra

.....

⁵ FREIRE, apud. GADOTTI, 2000, p. 45.

Figura 2.





Radar de experiências

São muitas as organizações que atuam com a promoção do Esporte Educacional, compreendendo-o com estratégia conectada à Educação Integral, ainda que não utilizem as mesmas nomenclaturas e terminologias. Vejamos algumas delas!

Fundação Gol de Letra

Local: Rio de Janeiro (RJ), mas com atuação nacional

Com 20 anos de trabalhos realizados em comunidades vulneráveis do Rio de Janeiro e de São Paulo, a Fundação Gol de Letra desenvolve um trabalho de destaque na área de esporte educativo. Neste depoimento, Felipe Pitaro, coordenador de projetos da Fundação, conta um pouco de seu histórico, sobre quais são os princípios do desenvolvimento de seu trabalho e como articulam a prática esportiva na construção de um percurso interdisciplinar.

“Nossa organização tem 20 anos e estamos em permanente evolução em nossas formulações e proposições. Sempre tivemos a perspectiva de um trabalho educacional que pudesse levar o esporte com a possibilidade de integração, de interferência no território, de transformação na vida de crianças e adolescentes. Para isso, começamos a trabalhar com um programa que se chamava Virando o Jogo, em São Paulo, e Dois Toques, no Rio de Janeiro. Naquele tempo, tínhamos educação física e também algumas modalidades de trabalho cultural, como dança, música, artes, leitura, escrita, porque o esporte se integrava com essa perspectiva mais ampla de modalidades educacionais. Com o tempo, vimos que o esporte conseguia reunir nele mesmo tudo isso e poderíamos trabalhar de maneira mais integrada. Então, em 2004, iniciamos um projeto chamado “Jogo Aberto”, cuja ideia era trabalhar com modalidades esportivas na perspectiva do Esporte Educacional.”

Quando a criança ou o adolescente nos procuram, muitas vezes eles querem fazer parte de uma modalidade, querem experimentar um jogo, às vezes até uma competição. E se você parte só para treinamento, você desvirtua o princípio. Para isso, criamos uma metodologia com a qual trabalhamos a modalidade esportiva de uma maneira educativa, buscando uma forma de não ser só treinamento.

Hoje trabalhamos só com turmas mistas e nossas aulas passam por vários momentos. Tem a roda de conversa, as atividades lúdicas de integração, a experiência da modalidade, do jogo mesmo, mas também da motricidade, da estratégia, do trabalho coletivo da modalidade. Nós promovemos festivais internos em que integramos Rio e São Paulo, em atividades também esportivas. Diversificamos ao máximo essa vivência da atividade desportiva. Junto a isso, eles fazem pesquisa, têm debates, trabalhamos com temática de gênero. Recentemente iniciamos uma conversa sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Então há projetos interdisciplinares, mostras, culminâncias. Vamos fazendo o trabalho se desdobrar em outros temas e trazendo-os para dentro da discussão esportiva.

Essa é a nossa visão hoje. Tem competência? Tem. Precisa ter uma habilidade prévia para praticar? Não precisa. As competências são construídas coletivamente. E, junto a isso, é importante discutir, ouvir a opinião do outro, construir os acordos coletivos de relacionamento, trazer temas que sejam de interesse e estejam integrados à dinâmica ou fenômeno histórico do esporte.

Dessa maneira, conseguimos fazer um trabalho consistente, desportivo, mas ao mesmo tempo ampliado, trazendo outros assuntos que são importantes na vida das meninas e meninos, e que também estão coligados com essa questão do corpo, da cultura, da ocupação do espaço. Como trabalhamos em comunidades vulneráveis, não só pela pobreza, mas também pela violência e pela pouca infraestrutura, ocupar os espaços públicos é uma questão importante. Refletimos sempre sobre como ocupar esses espaços e como trazer a família junto com o aluno. Tudo isso faz parte da perspectiva do Esporte Educacional que adotamos.”

Projeto Cooperação

Local: Atuação nacional

O Projeto Cooperação é uma organização que oferece propostas e soluções colaborativas direcionadas ao processo de formação e desenvolvimento individual e coletivo, tendo como foco de sua proposta pedagógica a cooperação entre as pessoas. Para isso, a iniciativa cria ambientes participativos em que a troca de vivências e experiências constroem diferentes cenários para a vivência dos envolvidos.

Na prática isso acontece com a realização de atividades e jogos colaborativos, que exigem uma solução compartilhada entre todos que participam do jogo. Fábio Brotto, um dos idealizadores da organização, explica que a ideia é “jogar uns com os outros, e não contra”, valorizando e aperfeiçoando a necessidade de viver em coletividade e realizar objetivos comuns”. Entre as iniciativas, a organização promove atividades esportivas cooperativas, as quais têm como objetivo convidar o participante a aprender com as vitórias e derrotas, transformando o campo ou ambiente de jogo em espaço de encontros e não mais de rivalidade ou competição. O divertimento é partilhado entre todos e não só pelas pessoas que teriam mais facilidade com a prática esportiva, uma vez que o essencial é cooperar.

Um dos projetos de destaque da organização é a COOPA de Futebol Cooperativo - Brasil, em que os participantes são convidados a jogar partidas de futebol diferentes das convencionais. A proposta - bastante criativa - tem como foco estimular que os participantes joguem uns com os outros, valorizando e propondo reflexões sobre inclusão, diversidade, engajamento, coletividade, criatividade e autonomia. As “regras básicas” da COOPA são: 1 – Todos jogam e aprendem uns COM os outros; 2 – Os times buscam o ENCONTRO e não o CONFRONTO; 3 – As equipes jogam umas COM as outras e não CONTRA as outras; 4 – Cada participante aprende COM o ganhar e COM o perder; 5 – Todos se divertem e vencem JUNTOS.

Os facilitadores da atividade convidam os participantes a elaborar os times com base na diversidade presente, a desenvolverem juntos uma abertura do evento, com danças cooperativas e circulares e as modalidades dos jogos sempre envolvem um futebol que só se desenrola quando os participantes colaboram uns com os outros. Um exemplo é o futpar, em que duas pessoas são “amarradas” juntas, vestindo

uma única camiseta, com o objetivo de chegar ao gol com a bola. Quando a dupla chega ao gol, ela é convidada a mudar de time e escolher outra dupla para assumir a posição, criando o pensamento de parceria, mesmo entre times distintos.

Saiba mais sobre a experiência em:

<https://educacaointegral.org.br/experiencias/copa-de-futebol-cooperativo-quando-confronto-da-lugar-ao-encontro/>

IEMais – Instituto Esporte Mais

Local: Fortaleza (Ceará), com atuação nacional e internacional

O Instituto Esporte Mais (IEMais) é uma organização da sociedade civil fundada pela cearense Daiany França Saldanha em 2014 no âmbito da década esportiva vivida no Brasil entre os Jogos Pan-Americanos de 2007 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Inspirado pelo projeto setorial “Esporte para o Desenvolvimento”, realizado no Brasil pela Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável, entre 2012 e 2018, o IEMais surgiu com o importante desafio de promover o empoderamento e o desenvolvimento humano e social por meio do esporte, contribuindo para a construção da cidadania, inclusão e mudança social.

Na perspectiva do Instituto Esporte Mais, a abordagem “Esporte para o Desenvolvimento” (EPD) se refere ao uso intencional do esporte, atividade física, jogos e brincadeiras para desenvolver competências emocionais e sociais em crianças, jovens e mulheres e atingir objetivos específicos de desenvolvimento humano e social, incluindo, principalmente, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. Segundo a ONU (2003), o esporte para esse fim inclui todas as formas de atividade física que contribuem para a aptidão física, bem-estar mental e interação social, como jogos, recreação, esporte organizado, informal ou competitivo, e jogos e esportes indígenas.

O IEMais aprendeu a abordagem do EPD com a Cooperação Alemã para o

Desenvolvimento Sustentável e replica, aos moldes da organização, a disseminação e implementação dos métodos pedagógicos, como o Treino Social, uma das iniciativas mais importantes da organização.

O Treino Social é um método pedagógico brasileiro que incorpora o desenvolvimento de competências socioemocionais e a discussão de questões como gênero, meio ambiente, saúde e prevenção de conflitos a treinos esportivos oferecidos para crianças e jovens. Os treinos ampliam o repertório e habilidades dos participantes no esporte e, ao mesmo tempo, apoiam o desenvolvimento da autoconfiança, o respeito e valorização da diversidade e a compreensão das questões sociais locais. Todos os treinos - que têm diferentes combinações e categorias -, estimulam o desenvolvimento de múltiplas dimensões dos atletas.

A organização recebeu diferentes prêmios e reconhecimentos pela metodologia e hoje atua na implementação e divulgação do método não apenas no Brasil, mas em outros países do globo, oferecendo treinamento e capacitações para professores de educação física e treinadores esportivos.

Mais que uma preocupação em desenvolver atletas, a metodologia visa que os mesmos compreendam a importância da atuação responsável em sociedade, da compreensão do esporte como direito e da diminuição das iniquidades - em especial, de gênero - no esporte e na vida cotidiana.

Rede Paulista de Futebol de Rua

Local: São Paulo (SP)

A Rede Paulista de Futebol de Rua nasceu em 2015 com o objetivo de difundir a metodologia do *fútbol callejero*, criado na Argentina. Um dos pontos centrais dessa metodologia é o fato do jogo acontecer prioritariamente com times mistos, reunindo meninos e meninas. A ideia é que todo e qualquer indivíduo interessado em jogar o jogo possa participar, em acordo com a carta do Movimento Futebol Callejero, que afirma que “os valores que unem as organizações em volta do esporte são baseados no respeito ao ser humano, independente da origem, classe social, gênero, religião, orientação sexual ou opinião política”.

O jogo é dividido em três tempos: no primeiro os participantes definem as

regras da partida coletivamente. Portanto, a depender de onde ocorre o jogo as regras poderão ser diferentes, de acordo com o que cada comunidade/território pode oferecer e com o que cada grupo de participantes avaliar ser o melhor conjunto de regras para a prática do futebol. Impedimento, escanteio, falta, e mesmo a pontuação dos gols, são todas definições negociadas. No segundo tempo, o jogo é jogado, com a diferença de que a bola na rede não é mais o principal objetivo, pois a vitória no saldo de gols não significa ganhar a partida. O placar, no Futebol de Rua, se constitui também pela pontuação de ambas equipes em relação à coerência da sua atuação em campo com os seguintes princípios: cooperatividade, solidariedade e respeito.

No terceiro tempo, ocorre a mediação, na qual as duas equipes avaliam se os combinados foram cumpridos e se as equipes foram igualmente cooperativas, solidárias e respeitadas - entre membros da mesma equipe, e uma em relação à outra. É nesse momento que todos, em círculo, têm a oportunidade de falar como se sentiram durante o jogo, de realizar uma autoavaliação quanto aos três princípios-base da prática, e se todos agiram de forma a promover um “jogo limpo”. Depois da roda de conversas sobre a partida, os participantes devem entrar em consenso sobre a pontuação final de cada uma das equipes, o que possibilita o time que perdeu com a bola rolando (2º tempo) reverter o resultado, pois neste último tempo a pontuação destinada aos valores é maior que a vitória conquistada pelo número de gols. Nessa metodologia não existe juiz e sim um mediador. Essa figura contribui no diálogo inicial entre times para a construção das regras, observa o segundo tempo - sem interferir na dinâmica de jogo - e volta a mediar a conversa entre os times, no terceiro tempo. Suas percepções podem subsidiar suas falas e intervenções, porém não a ponto de definir a pontuação. Essa decisão, tomada a partir das regras e do modelo de pontuação pactuado no primeiro tempo, é papel dos jogadores, promovendo o real protagonismo entre os participantes. Dada a característica do jogo, a metodologia é comumente utilizada para a resolução de conflitos, estimulando a cooperação e a valorização da diversidade ali presente e a contribuição de cada um para a realização da partida.

Saiba mais sobre o Futebol Callejero em:

<https://educacaointegral.org.br/experiencias/futebol-callejero-colabora-na-construcao-da-cidadania-de-jovens/>

Instituto Esporte e Educação

Local: São Paulo, com atuação nacional

Fundado pela ex-atleta e medalhista olímpica de vôlei Ana Moser, o Instituto Esporte e Educação nasceu com o objetivo de desenvolver a cultura esportiva em comunidades, a partir dos valores físicos, morais e éticos do Esporte Educacional. Sua atuação se dá com base em duas frentes principais de intervenção social: atendimento direto a crianças e adolescentes de 6 a 18 anos e desenvolvimento de profissionais da Educação Física e Esportes.

Para a organização, o esporte é parte fundamental quando se pensa no desenvolvimento integral dos sujeitos, uma vez que colabora com fatores importantes para o convívio em coletividade e também sua atuação enquanto indivíduo. Ainda de acordo com a organização, fatores como autoconfiança, construções de objetivos, elaboração de planejamento e compreensão de processos são fundamentais para refletir e colaborar com a atividade física para além da competitividade. Ou seja, pensar a prática esportiva enquanto processo formativo contribui para que cada indivíduo possa vivenciar experiências democráticas, colaborativas e em prol da diversidade.

Saiba mais sobre o Instituto Esporte Educação em:

<https://educacaointegral.org.br/experiencias/instituto-esporte-educacao-praticas-esportivas-em-dialogo-desenvolvimento-integral/>

Programa Segundo Tempo

Local: Atuação Nacional

Criado em 2003, pelo Governo Federal, e atualmente alocado no Ministério da Cidadania, o Programa Segundo Tempo tem o objetivo de integrar o indivíduo à sociedade por meio da prática esportiva e de atividades complementares no contraturno escolar, democratizando o acesso de crianças e adolescentes aos conteúdos das práticas corporais por meio do Esporte Educacional de qualidade.

Para tanto, o programa enuncia compromisso com o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes como fator de formação da cidadania e de melhoria da qualidade de vida, prioritariamente daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social e que estejam regularmente matriculados na rede pública de ensino.

Referência para muitas organizações sociais e estudos sobre o tema, o programa traz como princípios o direito a cidadania, a participação irrestrita, diversidade de experiências, transcendência pedagógica e valores, tendo como base uma concepção pedagógica que valoriza no processo de ensino-aprendizagem o “aprender jogando”. A ação do jogar, os jogos e as brincadeiras de rua, o jogar para aprender jogando, ou seja, a valorização da prática, a democratização da participação, o acesso a saberes, vivências e experiências sem qualquer distinção ou discriminação das pessoas envolvidas no processo.

O programa foi, inclusive, ação integrada do então Ministério dos Esportes no antigo programa Mais Educação, uma das principais referências de políticas de Educação Integral no País.

Conheça outras organizações que atuam na perspectiva do Esporte Educacional:

Projeto Ondas - <https://www.projetoondas.org.br/>

Instituto Cruyff - <https://johancruyffinstitute.com.br/>

Projeto Grael - <https://www.projetograel.org.br/>



Referências

Bibliográficas

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. Presidência da República.** 5 de outubro de 1988. Brasília-DF. Acesso em 6 de junho de 2019.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.** DOU de 16/07/1990. ECA. Brasília-DF. Acesso em 6 de junho de 2019.

BRASIL. **Estatuto da Juventude, Lei 12.852/13, de 05 de agosto de 2013. Brasília-DF.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em 6 de junho de 2019.

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Bairro-escola passo a passo.** Associação Cidade Escola Aprendiz. MEC, Unicef, Prefeituras de Belo Horizonte e Nova Iguaçu, s.d.,4p.

CHAVES, A. D. **O clima motivacional nas práticas pedagógicas do esporte educacional.** 171f. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano). Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos professores.** Estudos Avançados, 15(42), 259-268, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura).

GADOTTI, M. **Saber aprender: Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação.** In: Um olhar sobre Paulo Freire - Congresso Internacional, 2000, Évora.

GONZÁLEZ, F. J. et. al. **Nas pegadas do esporte educacional**. In: MARINHO, A.; NASCIMENTO, J.V.; OLIVEIRA, A. A. B. (Org.): Legados do esporte brasileiro. Florianópolis, Edição da UDESC, 2014, p. 35 – 43

SESC. **Perspectiva do esporte educacional em projetos sociais: o caso do programa Segundo Tempo e do Esporte e Lazer da Cidade**. Anais do Encontro Nacional de Recreação e Lazer.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

UNESCO. **Carta Internacional de Educação Física e Esporte**, 1978.

Sites

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Centro de Referências em Educação Integral**. 2013. <https://educacaointegral.org.br/>

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Currículo da Cidade Educadora**. 2018. Disponível em: <https://cidadeseducadoras.org.br/especiais/curriculo-da-cidade-educadora/saberes-do-territorio>.

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Glossário: Território Educativo**. 2018. Disponível em: <https://cidadeseducadoras.org.br/glossario/territorio-educativo-2/>.

Iniciativa:



Parceiros:

